



Subsistência de espetáculos teatrais em Porto Alegre na última década é tema de tese de doutorado

Divulgação Científica / **Linguística, Letras e Artes** / Alexandre Briazo Gomes Filho / 14 de setembro de 2023

Artes Cênicas | Políticas culturais de incentivo, festivais, sistema S e bilheteria são as principais fontes de receita dos grupos de teatro analisados

*Foto: *Designed by Freepix*

Na última década, as críticas mudanças políticas no cenário brasileiro reverberaram tanto no campo social quanto no campo econômico. Consequentemente, no setor cultural essas mudanças repercutiram por todas as suas ramificações. Em relação às Artes Cênicas, essas mudanças foram particularmente notadas nos espetáculos de teatro, cuja maior fonte de subsistência consiste nas políticas culturais por meio dos editais públicos e das leis de incentivo. A cena teatral de Porto Alegre, durante esse período, testemunhou o fim de vários grupos teatrais.

Partindo da pergunta “quem sustenta o teatro?” e pensando nos grupos remanescentes da cena com tempo de atividade ininterrupta igual ou superior a vinte anos até 2019, [uma tese de doutorado do Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul](#) analisou como se deu a subsistência dos espetáculos de grupos de teatro de Porto Alegre entre os anos 2010 e 2019. A jornalista e crítica teatral Michele Rolim, autora da tese orientada pelo professor Clóvis Dias Massa, usou de sua atuação no ramo teatral como repórter durante o marco cronológico da pesquisa para sistematizar dados financeiros de uma área cuja apuração a esse respeito ainda é incipiente.

Ao todo, sete grupos tiveram sua trajetória de espetáculos analisada: Tribo de Atuadores Ói Nóis Aqui Traveiz, Cia. Caixa do Elefante Teatro de Bonecos, Cia. Teatro di Stravaganza, Grupo Oigalê, Cia. Gente Falante, Povo da Rua — teatro de grupo e Cia. Lumbrá. Esses grupos possuem em comum alguns fatores, como autogestão, investigação de linguagem, manutenção e estabilidade de núcleo artístico. Eles também se inserem no que a pesquisadora Heloísa Marina chama de Teatro Menor, que compreende a necessidade de pesquisa e linguagem artística sem a orientação de padrões e formas estabelecidos (como os musicais), e também a distribuição horizontal de tarefas e de poderes no seio da sua organização, ignorando a troca comercial direta como seu objetivo de existência e pondo em xeque a noção de “artista-estrela”.

Minerando dados num campo predominantemente subjetivo

“Nas pesquisas de humanas, muitas vezes a gente não foca tanto nos dados”, diz Michele ao especificar a metodologia quanti-qualitativa da sua pesquisa. Uma das discussões mais acaloradas no cenário acadêmico das ciências humanas é o predomínio da abordagem qualitativa em detrimento da quantitativa. A primeira se baseia na experiência subjetiva, enquanto a segunda se baseia em números, métricas e cálculos matemáticos, o que, para a cultura, é fundamental no sentido da proposição de políticas culturais abrangentes e melhor visualização do resultado dessas políticas, assim como para pesquisas.

Encontrar dados de pagamentos e de editais – que deveriam ser de domínio público, uma vez que se referem a recursos públicos – foi uma das dificuldades enfrentadas pela jornalista, que precisou recorrer à Lei de Acesso à Informação (LAI) para poder acessá-los. “Muitas vezes [os órgãos] não estavam com isso na sua página ou de fácil acesso, ou sequer tinham isso divulgado”, conta.

Além de recorrer à LAI, Michele também dispôs de recursos alternativos para chegar até os dados apresentados na tese a respeito do financiamento dos espetáculos: se valeu de uma série de entrevistas que realizou com os grupos em questão, conversou com os gestores dos teatros e fez uso de documentação disponibilizada pela imprensa. A coleta de dados levou a autora à conclusão de que o financiamento dos espetáculos pode ser representado por uma pirâmide cuja base representa a maior fonte de renda e a ponta, a menor. A partir disso, Michele também pôde perceber a porcentagem de ocupação desses teatros por parte dos espectadores, numa tentativa de mapear como ocorre o consumo desse serviço.

Na tese, as etapas de trabalho de um espetáculo teatral são resumidas da seguinte forma: criação/concepção, realização/exibição e fruição/recepção. “[Essas etapas] acontecem ou deveriam acontecer apoiadas em fontes de receitas”, diz Michele. Para chegar até essa pirâmide, a jornalista selecionou um espetáculo que teve maior apresentação por parte de cada grupo ao longo da última década. Ao detalhar a trajetória do espetáculo, levando em consideração as etapas de trabalho, ela percebeu suas principais fontes de receita: editais públicos de leis de incentivo, festivais, sistema S (Sesc e Sesi) e bilheteria.



Etapas do desenvolvimento dos espetáculos x fontes de receita (Autoria: Michele Rolim)



Pirâmide de fontes de receitas dos espetáculos teatrais de Porto Alegre (Autoria: Michele Rolim)

“Não se pode olhar para esse mercado de maneira clássica, sustentado pela lei de oferta e procura. É preciso enxergá-lo de maneira mais sistêmica, já que a principal fonte de receita dos espetáculos de teatro atualmente são as políticas públicas culturais, e não a bilheteria”

— Michele Rolim

Diferente de outros mercados que possuem um consumidor mais ativo e que demanda um produto ou serviço, o setor cultural, apesar de também ter o seu perfil de consumidor, conta com políticas governamentais que criam condições favoráveis para que os espetáculos cheguem até o público. Mas isso não é uma fórmula que se aplica a todos os casos. Quanto aos espetáculos dos grupos de Porto Alegre estudados na tese, por exemplo, as principais fontes de receita responsáveis pela sua circulação fora do Rio Grande do Sul são os festivais e o sistema S (Sesc e Sesi).

O espetáculo há de continuar

Ao contrário do que se tinha na década passada, e apesar do recente fim da pandemia de coronavírus e do conturbado período de eleições, as atuais perspectivas de subsistência dos espetáculos teatrais já são melhores do que antes. Só em 2023, a Fundação Nacional de Artes (Funarte) lançou mais de dez editais de fomento às artes, evidenciando as políticas culturais como principal fonte de investimento da área.

Passado o período do doutorado, Michele seguirá escrevendo em seu site, [Agoracriticateatral.com.br](#), como tem feito nos últimos oito anos. A autora do livro *O que Pensam os Curadores de Artes Cênicas*, resultado de sua pesquisa de mestrado publicado pela editora Cobogó, pretende continuar pesquisando o ramo das artes e seguindo a mesma linha da sua tese de doutorado, mas com enfoque na produção de conhecimento sobre políticas públicas culturais.

:: Posts relacionados



Pesquisa em Pauta discute docência e ensino de teatro no Colégio de Aplicação



Tese aborda a trajetória do ensino de Teatro do Colégio de Aplicação da UFRGS



Pesquisadora das Artes Cênicas investiga práticas para uma cena acessível



Pesquisa elabora mapeamento inédito do setor da dança no estado

Realização



Apoio



Parceiros

: Pró-Reitoria de Pós-Graduação
 : ZENIT – Parque Científico e Tecnológico da UFRGS
 : Secretaria de Desenvolvimento Tecnológico
 : Rádio da Universidade
 : UFRGS TV
 : Comissão Assessora de Edição de Periódicos
 : Disciplina “Do laboratório para a sociedade: técnicas de divulgação para a sociedade de avanços científicos desenvolvidos na UFRGS”

Contato

Jornal da Universidade
 Secretaria de Comunicação Social/UFRGS
 Av. Paulo Gama, 110 | Reitoria – 8.andar |
 Câmpus Centro | Bairro Farroupilha | Porto Alegre | Rio Grande do Sul | CEP: 90040-060
 3308 3368
 jornal@ufrgs.br

